

SERTÃO GORUTUBANO: MEMÓRIAS DA DESAPROPRIAÇÃO DAS TERRAS PARA A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DO BICO DA PEDRA, NORTE DE MINAS GERAIS 1970-1980

Data de aceite: 01/11/2023

Gilsa Florisbela Alcântara

PALAVRAS-CHAVE: Vale do Gorutuba;
Desapropriação; Memória Conflito.

RESUMO: O presente trabalho o estudo se insere na Pesquisa, busca analisar o processo de desapropriação das terras de São José do Gorutuba, ocorrido por ocasião do projeto de construção da barragem Bico da Pedra para a irrigação em Gorutuba. Para isso, analisamos os relatos de memórias dos moradores expropriados, adotando a metodologia da história oral. A hipótese que levantamos é que a imprensa veiculava um discurso legitimador do progresso, defendendo a saída da população de suas casas e de propriedades rurais. Ao todo, 535 famílias foram retiradas das terras em que viviam. A comunidade de São José do Gorutuba também sofreu com a demolição de todas as residências e prédios, onde funcionavam comércio, cartório, etc. A notícia de que a água chegaria a altura do telhado da igreja induziu a população a abandonar a aldeia. No entanto, a água da barragem não chegou nem perto. A igreja de Nossa Senhora da Consolação e de São José do Gorutuba, construída no século XIX, resiste ao tempo e à ação do projeto de irrigação.

**GORUTUBAN HISTORY: MEMORIES
OF THE EXAPPROPRIATION OF
LAND FOR THE CONSTRUCTION OF
THE BICO DA PEDRA DAM, NORTH
OF MINAS GERAIS 1970-1980**

ABSTRACT: The present work, the study is part of Research, seeks to analyze the process of expropriation of the lands of São José do Gorutuba, which occurred during the construction project of the Bico da Pedra dam for irrigation in Gorutuba. To do this, we analyzed the memoirs of expropriated residents, adopting the methodology of oral history. The hypothesis we raise is that the press conveyed a discourse legitimizing progress, defending the population's departure from their homes and rural properties. In total, 535 families were removed from the land they lived on. The community of São José do Gorutuba also suffered from the demolition of all residences and buildings, where shops, notary offices, etc. operated. The news that the water would reach the height of the church roof induced the population to abandon the village. However, the water

from the dam did not come close. The church of Nossa Senhora da Soledade and São José do Gorutuba, built in the 19th century, resists time and the action of the irrigation project.

KEYWORDS: Gorutuba Valley; Expropriation; Conflicting Memory.

A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DO BICO DA PEDRA EM JANAÚBA-MG E AS DESAPROPRIAÇÕES DAS TERRAS

O projeto político de irrigação do Vale do Gorutuba, a construção da barragem do Bico da Pedra, a desapropriação dos trabalhadores rurais, envolve um contexto político no qual o governo federal realizou com hegemonia e autoritarismo nos anos de 1970 a 1980. Diante do relato colhido nas entrevistas, refletimos a ação política discutida na obra de Michael Oakeshott, *A política de fé e a política do ceticismo*, nos faz compreender como a prática dos discursos é decisiva em atividades de governar. Segundo Michael Oakeshott:

Poderíamos tentar descobrir aquilo que se crê sobre essas coisas no mundo moderno observando o que os governos realizaram ou estão tentando realizar, reparando na forma com a qual estamos habituados a falar das atividades do governo e considerando os escritos de homens que, de tempos em tempos, revelaram suas ideias sobre o assunto (OAKESHOTT, 2018, p. 35).

O governo instituiu uma série de normas para os assentados no projeto de irrigação, modificando a maneira de trabalhar na terra. Algumas dessas normas proibiam a construção de casas nas roças, distanciando a residência do local do plantio. Entretanto, os trabalhadores rurais possuíam um costume de fazer roça junto às suas casas. Interferências foram aplicadas nesses projetos modernos e trouxeram um novo meio de vida no campo, acabando com velhos costumes, aquilo que o governo moderno realizou na prática dos discursos (OAKESHOTT, 2018) proferidos em ações revelando uma nova ordem política, modernizando a agricultura. A partir do momento em que o trabalhador rural foi assentado, ele deixa de ser produtor para ser colono, sendo obrigado a atingir metas de produtividade, levando-o a jornadas extensivas de trabalho.

O colono estava inserido em uma maneira diferente de viver no campo; as residências em suas propriedades estavam próximas de seus parentes. O costume do pai era de doar um terreno aos filhos, que conviviam tendo os parentes vizinhos. Nesse novo modelo, os lotes foram distribuídos aleatoriamente, separando as famílias. Quando a desapropriação foi iniciada, abriram uma valeta na margem do rio Gorutuba e saíram na comunidade pegando o nome das pessoas. O povo não possuía escolaridade e não sabia ler; os funcionários da empresa que construiu a barragem mandavam as pessoas assinarem um contrato que garantiria os direitos nas terras. Depois com uso de máquinas, eles cortaram a terra onde o povo descia para ir no rio, impedindo a passagem. A entrevista com dona Eduarda, nos revela a situação: “Você não podia ir no banheiro, porque o trator rodava o dia inteiro. Aqueles homens mal encarado ficavam vigiando o povo”. (Eduarda da Silva, 2022). Os funcionários da empresa contratada para construir a barragem usaram de

todas as formas para intimidarem a população. São lembranças de uma infância que dona Cleusa passou na comunidade em que vivia com seus pais e irmãos, antes da família ser despejada: “Nós ficávamos com medo de eles pegarem a gente” (Cleusa da Silva, 2022).

Artesão que confecciona primorosamente as caixas, instrumento musical que o povo gorutubano usa para fazer o batuque gorutubano, durante as Folias dos Santos Reis, o senhor Eliezer Veríssimo, morador do bairro São Vicente em Janaúba-MG, nos relatou: “Porque recebeu uma mixaria. Papai recebeu, que não dava para comprar um lote aqui em Janaúba, naquele tempo, amarrava cachorro com linguiça, era baratinho” (Eliezer Veríssimo, 2022). Distante de seu lar, com a desapropriação, os trabalhadores rurais procuraram um meio de vida; o serviço que surgia era a única maneira de trazer o sustento para a família, conforme o relato do senhor Eliezer: “Trabalhei na CODEVASF, trabalhei até na Florestal muito tempo emprestado. Eles não me deram uma área na Matinha. Um lugar para eu ia colher abóbora, feijão, algodão, arroz e tudo” (Eliezer Veríssimo, 2022). A área que o artesão cita, está situada no município de Nova Porteirinha, próximo ao canal principal do Distrito de Irrigação do Perímetro do Gorutuba (DIG) e a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) é a empresa do Governo Federal, que foi responsável pela retirada da população desapropriada entre 1978 e 1979.

Muitas famílias que residiram no São José do Gorutuba se transferiram para o município de Janaúba. Ao buscar os registros orais das famílias gorutubanas para compreender as memórias significativas dos expropriados do São José do Gorutuba, fixamos as questões no passado e nas lembranças. Nesse sentido, “A memória se declina no presente e é o impulso de ações para o futuro” (LE GOFF, 1990, p.32). A ligação presente, passado, futuro revela um olhar para a direção que se foca na constituição cultural do povo gorutubano.

Trazendo lembranças de uma época que muitas famílias foram desapropriadas, refletindo o papel do estado e sua omissão, estamos questionando o processo de construção da barragem, entretanto reconhecemos também os benefícios do projeto de irrigação. Em oposição, criamos um empasse com relação às pessoas que tiveram suas terras ocupadas. Idosos, crianças, jovens que viviam em família e os pais dessas famílias que não receberam um valor honesto por suas casas, plantações e terras.

Quando construíram a barragem, foram retiradas famílias que viviam na bacia hidráulica, onde se situa o açude. Ela está localizada na parte alta. Também foram desapropriadas pessoas que viviam na margem do rio Gorutuba, na parte baixa do Vale do Gorutuba, com a finalidade de fazer o perímetro de irrigação. A demolição das moradias ocorreu de maneira bruta, por que não havia necessidade de destruir as casas da comunidade São José do Gorutuba. A água da barragem do Bico da Pedra não chegou perto da comunidade. Mas anunciaram que a água inundaria a vila Gorutuba e submeteria até o telhado da igreja. Ao serem retiradas de suas origens, os moradores perderam parte significativa do vínculo das pessoas com o lugar. Muitos nunca mais voltaram à vila

São José do Gorutuba. Entretanto carregaram consigo a identidade, característica forte de costumes forjados desde o nascimento.

REFERENCIAS

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

OAKESHOTT, Michael. **A política de fé e a política do ceticismo**. São Paulo: É Realizações, 2018.

Entrevistados: Eliezer Veríssimo, Eduarda da Silva e Cleusa da Silva